

Brasil leva discussão da dívida à ONU

Aylê-Salassiê

O Brasil vai levar, já na próxima semana, para a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque, a discussão sobre o caráter político da dívida externa, tese introduzida no temário da reunião deste ano, com o apoio do Governo brasileiro, e que implica a imputação de uma responsabilidade comum entre países industrializados e em desenvolvimento pelo volume de endividamento atingido pelos países pobres.

Entre os dias 18 e 25 próximos, quando o ministro Bresser Pereira, da Fazenda, estiver iniciando as negociações definitivas com os banqueiros para dar uma solução ao problema da dívida externa, o chanceler Abreu Sodré, que viaja dia 17 para Nova Iorque, já terá articulado junto a um grupo de países latino-americanos e do Terceiro Mundo um posicionamento que distribui a responsabilidade em relação à dívida entre países industrializados e em desenvolvimento.

A questão da dívida externa levada para a Assembleia Geral da ONU, considerado um foro independente e formado de jurisprudências na intermediação de questões políticas internacionais,

poderá ter uma efeito relativamente negativo sobre as negociações a nível de regras e obrigações de mercado, tão requeridas pelos países e bancos credores, levando até mesmo a uma queda maior do valor comercial da dívida, beneficiando diretamente o Brasil.

O embaixador Rubem Ricúpero, assessor especial para Assuntos Internacionais, confirmou ontem a decisão brasileira de empenhar-se na discussão da questão da dívida dentro da Assembleia da ONU, por considerá-la um fórum privilegiado para esse tipo de encaminhamento. Ele confirmou que, desde o início do debate prévio sobre o temário da reunião no início deste ano, o Brasil vem dando seu apoio à inclusão do tema, mesmo tendo encontrado, na ocasião, uma forte reação dos países industrializados.

Mal-entendido

Mostrando-se relutante em abordar questões relacionadas com a dívida externa, já que na próxima semana deixa o Palácio do Planalto para ocupar a representação do Brasil junto aos organismos internacionais da ONU sediados em Genebra, na Suíça, o embaixador Rubem Ricúpero revelou o teor de uma conversa com o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, tão logo o ministro Bresser Pereira retornou

ao Brasil depois do encontro com o Secretário do Tesouro norte-americano, James Baker.

Segundo relatou Marcílio Moreira, que esteve presente à reunião de Bresser e Baker, as autoridades brasileiras e norte-americanas foram surpreendidas com a interpretação negativa dada pela imprensa ao encontro que, ao contrário, teve um encaminhamento positivo. «Baker concordou com Bresser de que há necessidade de se descobrirem fórmulas novas para tratar a dívida», disse Ricúpero, reproduzindo as palavras do embaixador em Washington.

Questionado sobre a nota da Secretaria do Tesouro, explicou que tão logo o ministro Bresser deixou o gabinete de Baker, uma agência de notícias econômicas (não se lembra se a Reuters ou a Dow Jones), ouviu as primeiras declarações do ministro brasileiro, interpretou-as como se o secretário do Tesouro norte-americano tivesse dado o apoio para a tese do deságio e as veiculou imediatamente, causando um ligeiro tumulto no mercado financeiro dos EUA. Daí, explicou Marcílio a Ricúpero, ter a secretaria do Tesouro emitido uma nota de esclarecimento, recolocando a questão no devido eixo.